

**ISTVÁN MÉSZÁROS
COMO TEÓRICO DA
COMUNICAÇÃO: ELEMENTOS
PARA PENSAR AS MÍDIAS
EM TEMPOS DE CRISE DO
CAPITAL¹**

*ISTVÁN MÉSZÁROS COMO TEÓRICO DE LA
COMUNICACIÓN: ELEMENTOS PARA PENSAR LOS
MEDIOS EN LOS TIEMPOS DE CRISIS DEL CAPITAL*

*ISTVÁN MÉSZÁROS AS A COMMUNICATION
SCHOLAR: ELEMENTS TO THINK THE MEDIA IN
TIMES OF CAPITAL CRISIS*

Recebido em: 21 jun. 2016

Aceito em: 13 out. 2016

¹ Versão revista e ampliada de trabalho apresentado no XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 17 a 19 de junho de 2016 em Salto-SP.

Rafael Bellan Rodrigues de Souza: EUniversidade Federal do Amazonas (Parintins-AM, Brasil) Pós-doutorando na ECA-USP, Doutor em Ciências Sociais pela Unesp/Araraquara, Mestre em Comunicação pela Unesp/Bauru e professor da Universidade Federal do Amazonas (Ufam)/Parintins.
Contato: rafaelbellan@yahoo.com.br

RESUMO

O texto apresenta o pensamento do marxista István Mészáros, demonstrando sua vitalidade para o campo da comunicação. Com base no método dialético coloca-se o debate em torno do sistema de reprodução social em que vivemos como eixo universal de entendimento dos problemas da comunicação. A matriz ontológica do filósofo húngaro apresenta-se como alternativa ao campo da comunicação, colocando na ordem do dia o retorno ao materialismo histórico. Ganha espaço nesse artigo o debate em torno da crise estrutural do capital, a ideologia como consciência prática e as duas ordens de mediações que constituem o modo de produção social, temas que podem ser relacionados ao papel da mídia na estruturação da sociabilidade humana.

PALAVRAS-CHAVES: Comunicação; Capital; Mészáros; Marxismo.

RESUMEN

El texto presenta el pensamiento de marxista Istvan Meszaros, lo que demuestra su vitalidad al campo de la comunicación. Basado en el método dialéctico coloca el debate en torno al sistema de reproducción social en el que vivimos como una comprensión del eje universal de los problemas de la comunicación. La matriz ontológica del filósofo húngaro se presenta como una alternativa al campo de la comunicación, poniendo en la agenda el retorno al materialismo histórico. Ganar espacio en este artículo el debate sobre la crisis estructural del capital, la ideología como conciencia práctica y las dos órdenes mediaciones que constituyen el modo de producción social, cuestiones que pueden estar relacionados con el papel de los medios de comunicación en la estructuración de la sociabilidad humana.

PALABRAS-CHAVES: Comunicación; Capital; Mészáros; Marxismo.

ABSTRACT

The text presents the thinking of Marxist Istvan Meszaros, demonstrating its vitality to the field of communication. Based on the dialectical method places the debate around the social reproduction system in which we live as a universal shaft understanding of the communication. The Hungarian philosopher ontological matrix is presented as an alternative to the field of communication, putting on the agenda the return to historical materialism. In this article also we debates the structural crisis of capital, ideology as practical consciousness and the two mediations orders that constitute the social mode of production that may be related to the role of the media in the structuring of human sociability..

KEYWORDS: communication; capital; Mészáros; marxism.

INTRODUÇÃO

Com a queda do muro de Berlin em 1989, avançou na comunidade científica do ocidente a errônea compreensão de que o pensamento marxista estava em vias de sepultamento. No campo da comunicação, com raras exceções presentes na Economia Política da Comunicação (EPC) (BRITTOS e BOLÃNOS, 2005) (DANTAS, 2012), nas reflexões em torno do binômio Comunicação e Trabalho (FIGARO, 2008), nos debates sobre a hegemonia midiática (MORAES, 2016) e entre poucos adeptos críticos dos Estudos Culturais Ingleses (ESCOSTEGUY, 2001) (CEVASCO, 2003), há desde então certo abandono do materialismo histórico dialético nas práticas investigativas dos fenômenos midiáticos. Mesmo que ainda resistente também em parcela de estudos do Jornalismo, muito graças ao legado do lukacsiano Genro Filho (2012), a dialética de inspiração marxiana parece fora de moda, sendo uma abordagem pouco expressiva frente outras correntes teóricas do pensamento comunicacional.

Concordando com Eagleton (2005), fica claro que o necessário resgate dopensamento marxista merece a atenção dos pesquisadores brasileiros. Não existe teoria da comunicação possível sem uma teoria sobre a sociedade. Em tempos de nova narrativa global, inscrita em uma lógica de crise, o papel da crítica ontológica deve ser despertado. A perda da totalidade nas pesquisas comunicacionais expressa uma dose de miopia frente ao sentido dos processos históricos e sociais que são parte da realidade dos sujeitos comunicantes. Pensar a mídia sem relacioná-la à vida material dos agentes e à luta de classes que sustenta os discursos ideológicos e as estratégias de poder hegemônicas pode transformar a ciência da comunicação em um campo estéril na missão de alimentar a práxis dos homens. Sem o aporte da ontologia marxiana, dificilmente pode-se alcançar a densidade necessária à compreensão da realidade social e, por conseguinte, o papel da comunicação midiática na conjuntura atual.

A contribuição que se segue busca colocar o pensamento do mais importante teórico marxista do século XXI, István Mészáros, como um autor vital para o desnudamento do tempo presente e, por isso, uma importante contribuição para situarmos os problemas comunicacionais como parte da problemática concreta da sociabilidade humana estranhada do sistema sociometabólico do capital.

Mészáros foi discípulo do filósofo húngaro György Lukács, mais conhecido pela obra *História e Consciência de Classe*, talvez principal referência filosófica da Escola de Frankfurt. Lukács, seu mestre e amigo, também deixou, na velhice, dois testamentos que servem de baliza para uma refundação do marxismo: a portentosa *Estética* e o profundo *Para uma ontologia do ser social*. Mészáros, na linha desse legado, sintetizou em *Para além do capital* a continuidade do projeto do mentor e praticamente reescreveu *O Capital* de nossos dias. Nessa grandiosa obra está um mapa do sistema social, em que é possível encontrar um balanço das experiências socialistas atrelado a uma investigação radical dos condicionantes econômicos que articulam o sistema do capital em crise.

Crítico arguto dos apologistas do sistema do capital, pensador erudito e dialético, o realismo da visão teórica de Mészáros pode apresentar boas

conexões na articulação crítica da problemática comunicacional. Esse artigo apresenta notas para essa tarefa, ainda a ser construída coletivamente pelos pesquisadores - e também militantes - da causa da emancipação humana.

MEDIAÇÕES DE PRIMEIRA E SEGUNDA ORDEM

O sólido edifício teórico de Mészáros sustenta-se sobre uma base ontológica que nos permite superar a visão naturalista do capital como mediador eterno da produção social. Ao distinguir as mediações de primeira ordem das mediações secundárias, o filósofo húngaro coloca o trabalho como o eixo criador do ser social, definido como uma essencialidade humana que não pode ser reconhecida como parte de seu antagonista, o capital. Ou seja, na esteira de uma criativa leitura dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de Marx* (2001) e debitário da articulação do Lukács (2010) maduro, ele apresenta o trabalho e a produção das necessidades humanas como fundadores do ser social. Assim, as mediações de primeira ordem atendem a manutenção da vida humana fundada no intercâmbio social com a natureza. Essa mediação primordial congrega:

- a regulação da atividade reprodutora biológica, mais ou menos espontânea e imprescindível e o tamanho da população sustentável, em conjunto com os recursos disponíveis;
- a regulação do processo de trabalho, pelo qual o indispensável intercâmbio da comunidade com a natureza produz os bens necessários para gratificação do ser humano, além dos instrumentos de trabalho, empresas produtoras e conhecimentos pelos quais se pode manter e aperfeiçoar esse processo de reprodução;
- o estabelecimento de relações adequadas de troca, sob as quais as necessidades historicamente mutáveis dos seres humanos podem ser associadas para otimizar os recursos naturais e produtivos (inclusive os culturalmente produtivos);(MÉSZÁROS, 2002: 2013)

Há também um papel comunicacional fundamental na existência social e sua reprodução econômica, principalmente no que tange “a organização, a coordenação e o controle das múltiplas atividades pelas quais se asseguram e se preservam os requisitos materiais e culturais para um processo bem-sucedido de reprodução sociometabólica (...)” (MÉSZÁROS, 2002: 2013). Ao apontar as relações sociais e seu papel na intencionalidade coletiva de estabelecer a vida material das comunidades humanas complexas, Mészáros (2013) faz coro com Lukács (2013) sobre o papel da linguagem e da comunicação no direcionamento dos outros indivíduos para atender finalidades produtivas. Ou seja, o papel das relações comunicativas entre os homens trata-se de uma mediação primária de extrema relevância, algo essencial ao modo de vida humana, visto que ontologicamente faz parte da constituição do ser social. Outro aspecto elencado que tem vínculo com práticas comunicativas é “a promulgação e administração das normas e regulamentos do conjunto da sociedade, aliadas às outras funções e determinações da mediação primária” (MÉSZÁROS, 2002: 2013). A coordenação da produção e a criação de orientações coletivas envolve o “tornar comum” ideias a serem aplicadas na realidade concreta (pôr

teleológico) com a intenção de racionalmente transformar a natureza para atender necessidades humanas. Nesse sentido, a comunicação e o trabalho se aproximam, colocando a economia–o planejamento dos recursos para atender a sociedade - como uma prática voltada à

(...) alocação racional dos recursos humanos e materiais disponíveis, combatendo a tirania da escassez pela utilização econômica (no sentido de *economizadora*) dos meios e formas de reprodução da sociedade, tão viável quanto possível com base no nível de produtividade atingido e dentro dos limites das estruturas socioeconômicas estabelecidas. (MÉSZÁROS, 2002: 2013)

O capital surge como adversário dessa perspectiva insuperável da produção da vida por parte da humanidade. A atividade produtiva primária como condição intrínseca da existência social passa a ser governada por um ente que lhe é estranho, cujas mediações (de segunda ordem) garantem sua eternização e naturalização como sistema sociometabólico. A segunda ordem de mediações do sistema do capital pode ser resumida nessa passagem de Mézáros:

- a *família nuclear*, articulada como o “microcosmo” da sociedade que, além do papel de reproduzir a espécie, participa de todas as relações reprodutivas do “macrocosmo” social, inclusive da necessária mediação das leis do Estado para todos os indivíduos e, dessa forma, vital também para a reprodução do próprio Estado;
- os meios alienados de produção e suas “personificações”, pelos quais o capital adquire rigorosa “vontade férrea” e consciência inflexível para impor rigidamente a todos submissão às desumanizadoras exigências objetivas da ordem sociometabólica existente;
- o dinheiro, com suas inúmeras formas enganadoras e cada vez mais dominantes ao longo do desenvolvimento histórico – desde a adoração ao bezerro de ouro na época de Moisés e das tendas dos cambistas no templo de Jerusalém na época de Jesus (práticas muito reais, apesar de figurativamente descritas, castigadas com fúria pelo código moral da tradição judeu-cristã – embora, considerando a evidência histórica, totalmente em vão), passando pelo baú do usurário e pelos empreendimentos necessariamente limitados do antigo capital mercantilista, até chegar à força opressora global do sistema monetário dos dias de hoje; (...) (MÉSZÁROS, 2002: 180)

Esse conjunto de mediações secundárias demonstram a capacidade desse sistema sociometabólico de reprodução societária em dominar a totalidade da vida social enquanto potencializa o estranhamento em grau jamais visto, subsumindo as potencialidades humanas dadas tanto pelo trabalho como pela comunicação aos imperativos do capital. O filósofo húngaro também aponta como características das mediações de segunda ordem:

- os objetivos fetichistas da produção, submetendo de alguma forma

a satisfação das necessidades humanas (e a atribuição conveniente dos valores de uso) aos cegos imperativos da expansão e acumulação do capital;

- o trabalho, estruturalmente separado da possibilidade de controle, tanto nas sociedades capitalistas, onde tem de funcionar como trabalho assalariado coagido e explorado pela compulsão econômica, como sob o capital pós-capitalista, onde assume a forma de força de trabalho politicamente dominada;
- as variedades de formação do Estado do capital no cenário global, onde se enfrentam (às vezes com os meios mais violentos, levando a humanidade à beira da autodestruição) como Estados nacionais autônomos... e
- ...o incontrolável *mercado mundial*, em cuja estrutura, protegidos por seus respectivos Estados nacionais no grau permitido pelas relações de poder prevalentes, os participantes devem se adaptar às precárias condições de coexistência econômica e ao mesmo tempo esforçar-se por obter para si as maiores vantagens possíveis, eliminando os rivais e propagando assim as sementes de conflitos cada vez mais destruidores. (MÉSZÁROS, 2002: 180)

O tripé Estado, capital e trabalho assalariado sustentam o sistema de reprodução sociometabólico vigente, cuja articulação infesta de forma centrífuga o todo social. As formas primárias de intercâmbio são deformadas pela alienação e pelos parâmetros fetichistas e alienantes de controle, subordinando tudo à dominação dada pela acumulação capitalista.

Marxista e dialético, para Mézáros desde os microcosmos mais singulares, até as articulações mais amplas do mundo globalizado modelado pela forma-mercadoria integram a totalidade que, longe de fechada e inerte como na famigerada Teoria dos Sistemas, modifica-se contraditoriamente na processualidade histórica.

A comunicação, como práxis social inserida nesse complexo, não é subproduto das mediações de segunda ordem, mas, nelas, adquire uma função conectada a produção e circulação de produtos regidos pelo capital. Atestada essa teoria, isso implica aos comunicólogos não idealizar as trocas simbólicas como expressão da vontade livre de indivíduos emancipados. Longe de uma visão instrumentalista, é fato que qualquer tipo de ação dos homens precisa ser refletida em conexão estreita com a totalidade, no caso, a sociedade regida pelo capital, cujo trabalho social (e comunicativo também) é subsumido à ordem hierárquica de exploração econômica do trabalho excedente.

As mediações de segunda ordem do sistema do capital, pelas quais as funções vitais da reprodução sociometabólica devem ser realizadas, constituem uma desorientadora rede em que estão inseridos os indivíduos particulares. Na qualidade de membros de um grupo social, eles são localizados em algum ponto predeterminado na estrutura de comando do capital muito antes mesmo de aprender as primeiras palavras no ambiente familiar. (MÉSZÁROS, 2002: 187)

Como ignorar essa rede, que forma o indivíduo desde seu nascimento,

na tentativa de compreensão dos sujeitos e suas práticas? Essa naturalização da estrutura ganha dimensão ideológica, fazendo com que a consciência prática dos homens, que se manifesta via linguagem e é canalizada na comunicação humana, desponte como uma esfera de impacto considerável no seio da constituição do sistema. A alienação advinda dos mecanismos da acumulação capitalista interfere de forma clara nos sujeitos comunicantes, pois eles estão imbricados em uma vida cujo sentido reificado ganha amplo espectro nas mentalidades dos indivíduos.

A subjetividade e os pressupostos teleológicos que orientam a práxis comunicativas incidem no tipo de produto construído. O fato de haver uma expectativa sistêmica (nos âmbitos de produção e consumo) que criam o ambiente em que a comunicação midiática se exprime, força os pesquisadores da mídia a investigarem as relações sociais como parte das mediações de segunda ordem. Mais do que simplesmente considerar, no atacado, a produção midiática como evidência de uma “indústria cultural” monolítica, precisa ser colocado na ordem do dia a capacidade de olhar a comunicação como práxis humana conduzida e delimitada pelas mediações estranhadas do sistema sociometabólico do capital.

O Estado, a economia, a cultura, as relações familiares, a temática de gênero, a desigualdade social, nada escapa da perspectiva crítica de Mészáros no sentido de evidenciar a centralidade da produção da vida material no seio do pensamento social. Pensar as mídias e a comunicação nessa dinâmica requer o experimento da dialética entre a autonomia relativa das práticas comunicativas e sua inter-relação com a totalidade sistêmica (aqui vista como dinâmica e contraditória).

Assim, com Mészáros, podemos entender a comunicação enquanto uma práxis capaz de orientar a vida coletiva, mas que surge obstacularizada pelas mediações de segunda ordem e pelo estranhamento dado no metabolismo social do capital. Mesmo na articulação midiática mais ampla, advinda do desenvolvimento da indústria da consciência (ENZENSBERGER, 2003), percebe-se que o papel de controlar o metabolismo social tal como está posto, passa pela batalha ideológica em torno de projetos sociais antagônicos. A contradição capital/trabalho, nesse sentido, não pode ser descartada quando pensamos a comunicação em suas mais diferentes expressões e dispositivos, visto que eles são expressões fenomênicas da produção e reprodução da vida material concreta.

O SISTEMA DO CAPITAL E AS PRÁTICAS COMUNICATIVAS

O balanço radical que Mészáros propõe sobre as experiências do chamado socialismo real, considerando-as como falhas no sentido da constituição de uma alternativa ao capital passa pela distinção que o filósofo húngaro faz entre capital e capitalismo. O segundo pode ser substituído por novas formas de extração do trabalho excedente sem necessariamente eliminar o capital. A sociedade passa por uma articulação orgânica erigida pela forma-mercadoria e sua indispensável exploração do trabalho. A riqueza produzida socialmente é acumulada e o capital estrutura um metabolismo que garanta esse princípio.

Na qualidade de modo específico de controle sociometabólico, o

sistema do capital inevitavelmente também se articula e consolida como *estrutura de comando* singular. As oportunidades de vida dos indivíduos sob tal sistema são determinadas segundo o lugar em que os grupos sociais a que pertençam estejam realmente *situados na estrutura hierárquica de comando do capital*. Além do mais, dada a modalidade única de seu metabolismo socioeconômico, associada a seu caráter totalizador – sem paralelo em toda a história, até nossos dias –, estabelece-se uma correlação anteriormente inimaginável entre *economia e política*. (MÉSZÁROS, 2002: 98)

As posições de classe dos sujeitos não podem ser ignoradas nesse processo. Pelo método dialético pode-se alcançar os conflitos sociais, evidentes nas ruas, ou nos discursos que disputam a hegemonia (direção moral e intelectual) em suas mais variadas esferas. Uma sociedade antagonicamente dividida em classes articula os discursos ideológicos (cujo interesse é controlar o metabolismo social) em suas formas comunicativas variadas, desde a conversa interpessoal mais singular, até os maquinários tecnológicos de transmissão informativas mais sofisticados. Claro que cada mídia, desde o corpo até os smartphones², possuem sua gramática própria, contudo, a força centrífuga do capital e os conflitos classistas permeiam todas as formas humanas de troca simbólica.

⁵ Beth e Pross (1987) contribuem com o debate sobre os aparatos midiáticos por meio da definição de mídia primária, secundária e terciária, demonstrando que as práticas comunicativas iniciam-se no corpo humano.

O teórico marxista cita os trabalhos de Enzensberger (2003) como um lugar seguro para pensarmos os dilemas da área. Isso porque ao debater as indústrias da consciência, Enzensberger ressalta o papel emancipatório que elas podem ter, não anulando, como fazem Adorno (2002), a essência comunicacional ao seu aspecto fenomênico mercantilizado, parte, como vimos, das mediações de segunda ordem. Assim, comunicação não é sinônimo de capital, mas é evidentemente capturado por essa ordem de mediações alienadas.

O capital em si não passa de um modo e um meio dinâmico de mediação reprodutiva, devorador e dominador, articulado como um conjunto historicamente específico de estruturas e suas práticas sociais institucionalmente incrustadas e protegidas. É um sistema claramente identificável de mediações que, na forma adequadamente desenvolvida, subordina rigorosamente todas as funções de reprodução social – das relações de gênero e família até a produção material e a criação das obras de arte – à exigência absoluta de sua própria expansão, ou seja: de sua própria expansão constante e de sua reprodução expandida como sistema de mediação sociometabólico. (MÉSZÁROS, 2002: 188)

A mídia que se expressa como uma indústria das consciências é expressão particular do sistema e, portanto, do ponto de vista cultural, político ou econômico é sempre parte da processualidade histórica do sistema e das contradições que o movem. A contribuição meszariana, nesse ínterim, perpassa o debate sobre a economia política e também a produção de sentido, observável no interior da luta ideológica que se manifesta via conteúdos. Ideologia aqui entendida como consciência prática que articula os “conjuntos de valores e estratégias rivais que tentam controlar o metabolismo social em todos os seus principais aspectos” (2004: 65). O mundo do trabalho não é uma estrutura básica mecânica que gera modos de pensamento, aqui o que se coloca é a articulação profunda entre consciência e existência, ser social e vida econômica. A materialidade da comunicação aparece então como uma práxis

social cujo acontecimento relaciona-se dialeticamente aos complexos sociais do metabolismo, dirigido no contexto atual pelas mediações de segunda ordem.

A comunicação como práxis emancipatória pode ser construída pela tarefa histórica de superação das mediações de segunda ordem, entendendo que a relação homem/natureza e a reprodução social podem ser colocadas em outro patamar. Uma mediação primária articulada ao protagonismo social; a possibilidade de mudança da ordem, readequando a comunicação como ação livre; a troca simbólica entre indivíduos iguais, norteadas pela decisão coletiva dos trabalhadores livremente associados, pode ser esse projeto político e social.

As formas essenciais da mediação primária abrangem as relações em cujo quadro tanto os indivíduos da espécie humana como as entrelaçadas condições culturais/intelectuais/morais/materiais cada vez mais complexas de sua vida são reproduzidos segundo a margem de ação sócio-histórica disponível e cumulativamente ampliada (MÉSZÁROS, 2002: 212)

Pensar a comunicação para além do capital significa recuperar a possibilidade de restabelecer o controle social sobre a mídia e, como apontava Enzenberger (2003), superar o uso repressor dos meios de comunicação massivos.

CRISE E COMUNICAÇÃO

Vimos que a reflexão sobre as mediações reprodutivas e a articulação de uma totalidade sistêmica gerida pelo capital são contribuições indispensáveis para o pensamento comunicacional. Também o debate ideológico, que pode auxiliar estudos de produção de sentido e reflexões epistemológicas -algo preliminarmente apontado por Schneider (2010 e 2013) -pode ter a contribuição do autor em tela. Já Melo (2011) buscando um panorama do marxismo no campo da comunicação tupiniquim aposta na relação entre trabalho e linguagem, algo que também pode contar com a contribuição do filósofo húngaro:

Demonstrei ali que a compreensão do fenômeno comunicacional, pela ótica do materialismo dialético, fundamenta-se na relação entre trabalho e linguagem, variável essencial para o entendimento dos atos humanos de interação simbólica. Consultei, nessa ocasião, as fontes disponíveis, particularmente os escritos seminais de Marx e Engels e as exegeses feitas por marxistas de linhas distintas, desde os russos (Lênin e Afanassiev) até os pensadores ocidentais como Adam Schaff e Leôncio Basbaum. (MELO, 2011: 17)

Pensar a relação entre trabalho, linguagem e comunicação pode trazer importantes resultados. Figaro (2008) e seus orientandos têm refletido sobre essa questão, situando as relações de comunicação como inerentes às lógicas produtivas. O trabalho torna-se categoria central para pensar as mudanças comunicacionais que rearticulam os perfis dos trabalhadores. O mundo do

trabalho aparece como o *locus* em que é possível pensarmos criticamente não só as mudanças na comunicação midiática, mas também as percepções de indivíduos que, estranhados pelo trabalho abstrato, sofrem pela captura da subjetividade proporcionada pela alienação de seu potencial criativo-emancipador. Nesse conjunto de reflexões, a comunicação tem papel de destaque nas prescrições das atividades laborais que, com as inovações tecnológicas cada dia mais presentes, invadem o cotidiano, tendo como intuito formar o indivíduo tipo do capitalismo tardio.

Já o trabalho comunicacional no contexto do toyotismo revela uma crescente realidade de precarização do homem, cujas atividades passam cada vez mais pela organização de arranjos que, de certa forma, colonizam sua atividade e imaginário. O sistema do capital se fundamenta sobre “alicerces de estruturas discriminatórias alienantes e mediações de segunda ordem da “economia individual” há muito estabelecidas e, naturalmente, forçosamente as adaptou a seus próprios objetivos e a suas exigências de reprodução” (MÉSZÁROS, 2002: 303).

Seguidor de Mészáros, Giovanni Alves relaciona de forma ontológica a reestruturação produtiva como parte de mudanças tecnológicas, mas também organizacionais e sociometabólica.

O toyotismo é a ‘ideologia orgânica’ do novo complexo de reestruturação produtiva do capital que encontra nas novas tecnologias da informação e comunicação e no sociometabolismo da barbárie, a materialidade sociotécnica (e psicossocial) adequada à nova produção de mercadorias. Existe uma intensa sinergia entre inovações organizacionais, inovações tecnológicas e inovações sociometabólicas, constituindo o novo empreendimento capitalista que coloca novos elementos para a luta de classes no século XXI (2011: 43).

A reestruturação produtiva do mundo do trabalho, a ideologia pós-modernista³ e sua adesão à tese do fim das ideologias, o neoliberalismo de Estado e a ampliação irracional de novas tecnologias da comunicação, são engrenagens de um mesmo complexo: a crise estrutural do capital. Nela, os limites absolutos do sistema são desafiados para garantir a recuperação da queda da taxa de lucros, que se intensifica desde os anos 70. Essa crise manifesta-se em quatro temas principais: primeiro, ela possui caráter universal, não se restringindo a uma esfera particular, como algum setor específico de trabalho, por exemplo; em segundo lugar, o alcance da crise estrutural é global, não se limita a um número limitado de países; terceiro, ela, mais do que cíclica, atinge uma escala temporal permanente, irrecuperável; por último, em quarto lugar, a crise possui um desenvolvimento sub-reptício, rastejante, ou seja, entra em contraste com as alterações do sistema vistas no passado, embora reserve para o futuro grandes convulsões, dada a constante destruição dos aparatos de controle das contradições do capitalismo. A crise inicia-se no pós-Guerra e intensifica-se a partir da década de 70. Para o filósofo húngaro essa crise estrutural é inseparável da ativação dos limites intransponíveis do capital, com as consequências mais destrutivas para o futuro.

³ Esse conjunto articulado de princípios, nas palavras da historiadora Ellen Wood apresenta, entre outras características: “ênfase na linguagem, na cultura e no “discurso” (com o argumento de que a linguagem é tudo o que podemos conhecer sobre o mundo e de que não temos acesso a nenhuma outra realidade), em detrimento das preocupações “economicistas” tradicionais da esquerda e das velhas preocupações da economia política; rejeição do conhecimento “totalizante” e dos valores “universalistas” (...) (1996: 123). Além disso, são ideias que claramente se distanciam das ações coletivas pautadas em interesses universais, vistos no seu desenho categorial como “metanarrativas” fora de lugar.

A crise estrutural leva todo o corpo social a ter na crise a qualidade predominante da reprodução da vida cotidiana. Em todos os seus aspectos. Dos mais coletivos, como a desagregação dos centros urbanos e a militarização dos conflitos sociais, até os mais individuais. Os elementos de continuidade deixam de ser acumulação da riqueza; para ser a própria crise enquanto tal (LESSA, 2007: 104).

A crise articula os complexos econômicos, modificando o mundo do trabalho, as indústrias da consciência e o panorama ideológico da época. Ela rearticula e submete aos seus limites a expressividade de uma dada cultura, coloca os parâmetros da luta de classes e direciona um novo contexto comunicacional que, ao esbarrar nas margens absolutas do sistema sociometabólico, não pode ser superado dentro da própria unidade sistêmica.

Economia, indústria das consciências, linguagem e trabalho comunicacional são articulados à totalidade e, nesse sentido, epifenômenos das contradições mais universalizantes presentes na crise estrutural do capital. Contudo, a crise também revela suas contradições, pois mesmo com um amplo aparelho ideológico ao seu favor, as desigualdades e a barbárie social não pode ser guardada embaixo do tapete para sempre, ainda mais com a crescente ampliação do tempo livre.

A produção em massa de tempo disponível (...) vem acompanhada hoje não apenas por um conhecimento em expansão, mas também por uma consciência mais aguda das contradições inerentes aos fracassos demonstrados na prática, assim como pelo desenvolvimento de novos modos e meios de comunicação, capazes de uma difusão efetiva das amplas evidências que atestam a emergência daquelas contradições (MÉSZÁROS, 2002: 994).

A comunicação pode servir aos dois lados do conflito. A disposição de novas tecnologias de comunicação e o ampliado papel dela na contemporaneidade cria uma esfera que, sem garantias precedentes, pode despertar os indivíduos para a gravidade da crise em andamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições do pensamento de Mézáros para a teoria social são inegáveis. Mas no campo da comunicação o autor permanece pouco explorado. Aqui, buscamos salientar que sua leitura ontológica da constituição do que ele denomina como sistema de reprodução sociometabólica do capital é a mais importante referência global para uma reflexão macrossocial da realidade em que a comunicação se efetiva. A noção de práxis comunicativa, um processo que envolve sujeitos e seus interesses e a dimensão ideológica da produção de sentido impressa nas diversas linguagens midiáticas, relaciona-se, como vimos, não só às mediações de segunda ordem, mas também surgem como epifenômenos da crise estrutural do capital.

Entendendo a ideologia não como simplesmente falseamento do

real, mas como uma consciência prática que visa dar respostas às lutas em andamento, o papel da mídia torna-se central. A discussão sobre o Estado presente nos estudos de Mészáros também podem clarificar as reflexões sobre as políticas públicas de comunicação, a regulação dos meios e o papel da mídia na articulação do poder político que, para ele, só se estabelece em função do poder econômico. Em sua visão marxista, também merece destaque suas reflexões sobre a consciência de classes dos trabalhadores em sua divisão entre contingente e necessária. Estudos sobre a mídia radical (DOWNING, 2002) e seus formatos e estratégias tem muito a ganhar assumindo essa propositura, ou melhor, de seu potencial em instituir “o tema estrategicamente central do controle social(...), mesmo quando seus objetivos imediatos parecem limitados (por exemplo, uma tentativa de manter viva, sob o controle dos operários, uma fábrica que esteja sucumbindo à “racionalização” capitalista)” (MÉSZÁROS, 2008: 89).

Pensar o trabalho comunicacional e a ideologia nela manifesta, passando pela inerente captura da subjetividade dos sujeitos sociais estranhados na lógica orgânica do capital; refletir sobre o peso ontológico da cultura da mídia na compreensão histórica dos indivíduos, bem como o complexo econômico em crise e seus reflexos na indústria das consciências; aferir o potencial emancipatório de forma radicais alternativas de mídia e seu uso da ideologia emancipatória capaz de possibilitar a constituição de uma consciência de classe necessária; investigar formas de organização que, permeadas por iniciativas comunicativas, conseguem promover mudanças no todo social; debater o trabalho e a linguagem no âmbito da sociedade em crise, prescrevendo a unidade existente entre objetividade e subjetividade; enfim, muitas temáticas podem ser aludidas, o que só demonstra a vitalidade da interface entre o marxismo crítico, dialético e libertário de Mészáros e os problemas da comunicação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Indústria cultural e sociedade. Tradutora: Julia Elizabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALVES, Giovanni. Trabalho e Subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.

BETH, Hanno e PROSS, Harry. Introducción a la ciencia de la comunicación. Barcelona: Anthropos, 1987.

BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (orgs.). Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia. 1 ed. São Paulo : Paulus, 2005.

CEVASCO, Maria Eliza. As Dez lições sobre os Estudos Culturais. São Paulo: Boitempo, 2003.

DANTAS, Marcos. Trabalho com informação: valor, acumulação, apropriação nas redes do capital. Rio de Janeiro: Centro de Filosofia e

Ciências Humanas da UFRJ (CFCH-UFRJ), 2012.

DOWNING, John D.H. *Mídia radical: Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Editora Senac, 2002.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*. São Paulo: Conrad Editora, 2003.

ESCOSTESGUY, Ana Carolina. *Os Estudos Culturais*. In: HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luis C., FRANÇA, Vera Veiga (Orgs). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas, tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

FIGARO, Roseli. *Relações de Comunicação no Mundo do Trabalho*. São Paulo: Annablume, 2008.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

LESSA, Sérgio. *Lukács: Ética e Política*. Chapecó: Argos, 2007.

LUKÁCS, György. *Arte e Sociedade: escritos estéticos 1932 – 1967*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

LUKÁCS, György. *Estética.v. I*. Barcelona: Ed. Grijalbo, 1974.

LUKÁCS, György. *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, György. *Introdução a uma estética marxista*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1970.

LUKÁCS, György. *O jovem Marx e outros escritos de filosofia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009b.

LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

LUKÁCS, György. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

LUKÁCS, György. *Socialismo e democratização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001

MELO, José Marques de. Marxismo e comunicação: contribuições para revitalizar o pensamento crítico brasileiro. Comunicação & Educação v. 16, n. 2, 2011.

MÉSZÁROS, István. A Teoria da Alienação em Marx. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MÉSZÁROS, István. Estrutura social e formas de consciência. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

MÉSZÁROS, István. Filosofia, ideologia e ciência social. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

MÉSZÁROS, István. O poder da ideologia. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MÉSZÁROS, István. O desafio e o fardo do tempo histórico. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MORAES, Dênis de. Crítica da mídia & hegemonia cultural. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2016.

RÜDIGER, Francisco. Epistemologia “da” Comunicação: elementos para a crítica de uma fantasia acadêmica. Revista Famecos. Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 395-417, maio-agosto, 2014.

SCHNEIDER, Marco. Ética e epistemologia: alerta contra a “neutralidade axiológica” na pesquisa em comunicação contemporânea. Revista Matrizes, ano 7, vol. 2, jul – dez, 2013.

SCHNEIDER, Marco. Representação, realidade e comunicação midiaticizada. Revista Contemporanea, vol. 8, nº 1. Jul. 2010.

WOOD, Ellen. Em defesa da história: o marxismo e a agenda pós-moderna. Revista Crítica Marxista 3, 1996.